

Relato Biográfico**Todas as avós do mundo**

Jeane Silva

Desde a antiguidade a velhice vem sendo associada a proximidade da morte, dependência, a perda do controle, físico, mental e de autonomia. Com o advento do aumento da longevidade da população, causado em grande parte pelo avanço da medicina, acesso ao saneamento básico, as vacinas e as novas tecnologias, a expectativa de vida, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aumentou dos 48 anos em 1960, para a estimativa de 76 anos.

No cotidiano, quando falamos de envelhecimento os primeiros pensamentos que, por vezes, estão associados à imagem do idoso são: os cabelos brancos, o tronco curvo, o andar lento, relacionado a figura do velho, frequentemente, apresentado pela mídia, pelos filmes ou charges, atrelando o envelhecer ao perecimento do corpo e mesmo à doença.

Isso acontece no imaginário de todos que não tem contato com os estudos correlatos da Gerontologia, que cada vez mais nos traz a luz sobre o envelhecer

e suas possibilidades enquanto processo progressivo de diminuição funcional e não somente de forma senil.

O curso *Fragilidades na Velhice* apresenta muito bem, em todas as dimensões, esta concepção de que o envelhecimento não precisa ser atrelado à doença, nem a concepção de ser um jovem eterno, em nossa cultura, que o bonito é ser eternamente jovem. Pensando no envelhecer, foram levantadas temáticas tais como: O que é de fato o envelhecimento? Quais os elementos que a velhice está associada? Todos, envelhecemos da mesma forma? Quais os medos que nos assombram? Medo de viver, de morrer, entre tantas outras.

Baseada em Elias (2001) reflito que para entender a experiência das pessoas que envelhecem é preciso compreender que o processo de envelhecimento traz uma mudança no papel que o indivíduo ocupa na sociedade e, conseqüentemente, nas suas relações com os outros. Estes questionamentos me remeteram, além da teoria, sobre quais eram as minhas concepções sobre o envelhecimento, mais ainda, o que eu conheço sobre o envelhecimento de fato.

E olhando para os velhos ao meu entorno, para além do mundo profissional, visto que atuei por mais de cinco anos em um núcleo de convivência do idoso, sendo este contato uma prática diária, percebi que os primeiros velhos que conhecemos são os de nossa própria família. Mas quando eles se tornam de fato velhos? Minhas avós ficaram velhas quando? Eu nem percebi, ambas tão ativas autônomas e independentes, vi apenas serem paradas pela doença, e a idade? Foi quando? Sei que já passavam dos setenta.

Falando de família, praticamente onde acontece o primeiro contato com idosos - normalmente com as avós e os avôs – lembro que não conheci os meus avôs, pois quando cheguei ao mundo eles já haviam partido, jovens por sinal, tanto o paterno, quanto o materno, e na família, quase nenhuma história sobre eles,

Da parte das avós, as duas foram presentes, a materna e a paterna.

Com a paterna, D. Natilde, passei boa parte da infância, acompanhando todos os 'estágios' do envelhecimento. Mesmo sem entender tudo, hoje percebo muito bem, era uma idosa bonita, vaidosa, seguia a cuidar da família, com certo ar de quem, mesmo morando em ruas de barro, sabia deixar as meias bem brancas pois, dizia que de onde vinha, de Pernambuco para São Paulo, só pisava em rua de asfalto.

Costureira de mãos cheias abria a boca para contar para o mundo, sobre como deveria ser uma boa costura, aliás, parte de suas roupas ela mesma costurava, tinha roupa nova na sexta, no sábado, no domingo e se tivesse algum tempo tinha para a semana também, afinal andar bem vestida era o que lhe restava na vida e se vestia bem os outros, se vestiria bem, ela também.

Por anos, após a criação da família, morou sozinha e eu, por vezes, a visitava, a encontrava sempre bem arrumada, assim como sua casa, percebendo claramente que as atividades de vida diária, estavam completamente preservadas, o que naquela época eu nem sabia do se tratava, ia lá apenas para com ela poder tomar caldo de cana e comer pastel, era a visita semanal para a avó, sinalizando um bom conviver.

Acompanhado seu envelhecer, vi chegar a doença de Parkinson, envolvendo os seus dias, e as atividades chamadas instrumentais da vida diária, ficaram comprometidas. Não conseguia sair mais sozinha, mesmo que autônoma em suas vontades, e sua independência física, ficou cada vez mais diminuída e, por decisão da família, ela fosse a morar com um dos filhos, pois sozinha, não conseguiria e nem poderia mais viver.

Eu menina, não sei como isto foi decidido, mas lembro de ouvir as conversas entre o meu pai e os meus tios, não sei se ao menos perguntaram algo para ela. Mas, a rotina de anos seguintes, foi ela passar por todas as casas, dos filhos, inclusive de neto, onde em nenhuma parecia ter o “encaixe” perfeito de ambas as partes para que ela pudesse “terminar” o seu envelhecer. Em uma de suas passagens dormiu, algumas noites, em nossa casa, e chorava a noite e pelos corredores, antes tão ereta e arrumada, agora encurvada e com uma sacola na mão, onde levava seus pertences, discutia com o meu pai que ela iria, para onde “ela” quisesse.

Uma vez eu a vi tentando partir e abrindo o portão, eu deveria ter uns quatorze anos à época, corri e ela me olhou prontamente, claramente ciente de suas vontades e ideias, me apontando o dedo e disse: “Vai para lá menina, senão eu dou-lhe uns tapas, vou ficar onde quero e aqui não é o meu querer”.

Depois, voltou para a casa de sua filha mais nova, não sem ainda circular por muitas casas, mas todos percebiam, ainda que ela não dissesse ou ameaçasse dar tapas, era com esta filha que ela queria ficar.

Continuei as visitas, agora ela sentada na cadeira, muita palavra já não dizia, mas olhava longe com seus olhos bem apertadinhos, e esboçava um meio sorriso ao me ver. Não comíamos mais pastel, e ela mal conseguia, com as mãos trêmulas, levar à boca as bolachas de maisena que eu, atuando como “cuidadora” afetiva, dava para ela, o que se repetiu muitas vezes.

Certa vez em nossos últimos contatos, minha tia me fez um vestido e ela, sentada acompanhando tudo, nos surpreendeu, levantando devagarinho encostou o olho bem pertinho, olhou para minha tia e disse com uma voz baixa e rouca ‘está todo torto esse vestido’.

Eu olhei para minha tia, ela sorriu baixinho, me deu uma piscadela. Dessa avó paterna, que logo fez sua partida, guardo toda essa sua história de amor e do capricho nas coisas que tinha. Não tem como esquecer.

Agora, apresento a avó materna, contando um pouco do seu viver. Julia Souza, trabalhadora, nordestina de Alagoas, mãe de cinco filhos, viúva ainda na juventude, da costura fez seu caminho e o seu sustentar.

Nas ruas da periferia, zona leste, da grande metrópole fez sua casa São Paulo, como tantas outras casas de brasileiros de todos os lugares, de todos os estados, de todas as cidades, um mini país, de cidadãos, que pegam ônibus, que levantam de madrugada, que não conhecem por vezes a palavra 'descansar'. Ela, entre tantos outros, entre idas e vindas, nas ruas tumultuadas e 'perturbadas', ainda que o sorriso não estivesse por vezes completo, por vezes sorriem, por vezes festejam, por vezes, sonham, por vezes rezam, por vezes choram e assim seguem o seu caminhar.

Dona Julia, como conhecida e chamada por todos, mãe de cinco filhos, viúva de 'nova', como se dizia, e embora usasse cores, tomou o luto por uma vida toda a acompanhar. Ela, a idosa mais sábia, a mais vaidosa, mais honesta, mais noveleira, mais apaixonada por futebol, por esporte, por Airton Senna - lembro sempre dos domingos que acordava cedo para a Fórmula 1 acompanhar.

Sentada no sofá da sua sala, com uma caneca de café, horas com um prato de farinha, arroz e feijão e carne sim, pois gostava da tal "mistura" ter na mesa, que fazia questão de no açougue do bairro, poder comprar. Mesa farta quando se podia, bolinhos de arroz, apertado na mão, se revezavam os netos que ali passavam para buscar.

Quanto aos netos, vários da primeira, da segunda, da terceira e do quarto filho, muitos deles morando no quintal de sua casa a lhe cercar. Mas faltou o de um quinto filho, aquele que a vida lhe tirou menino, de uma doença que ela não gostava de ter na boca e nem falar. O levou na meninice, mas ela contava os cinco filhos na mão, porque os dedos das mãos nunca poderiam lhe faltar.

Daquele sofá, daquela pequena sala, passavam muitos amigos, daqueles antigos do bairro, e a prosa vinha - desde a lembrança da rua de asfalto que antes era rio, que o matagal que tinha antes até sapo, agora alguns prédios que chegavam ao bairro, dava lugar. Amizades de mais de vinte, trinta anos, umas passavam dos quarenta, com muita prosa e lembrança boa, que elas faziam questão com todos compartilhar.

Tinha até aquela "dona amiga" que trago aqui para contar, idosa, moradora do "começo do bairro", como ela fazia questão dizer, não pegava fila nos comércios, da região, achava desaforo desse povo que chegou depois dela, muita gente que ela mesma ajudou a criar. Muito menos na sorveteria, um dia entrou e pegou

um sorvete e fez confusão para pagar, aliás, o dono da sorveteria, assim como sua mãe e sua tia, um dia tinha passado na sua casa, para aqueles almoços de domingo “filar”.

Mas voltemos a sala de D. Julia, onde do seu sofá, acompanhava tudo, acompanhava o mundo, tudo isso pela tela da tv. O jornal nacional, iniciava respondendo inocentemente ao “boa noite” do apresentador, que toda noite educadamente a cumprimentava, reconhecendo claramente aqui do outro lado o seu existir e o seu viver.

Bem inteligente, conhecia de tudo um pouco da vida, com quem quisesse discutia sobre política, tinha anotado em papéis, para quem o seu voto ia e a todos dizia que tinha vereador que lhe mandava cartas e ela as tinha se alguém de fato, questionasse, ela corria para mostrar.

Mas sem conhecer muito de política, ou melhor, que esta fosse “pública”, assim, como tantos outros idosos, que se deparam, se esbarram, ou são amassados, na mesma política pública diariamente, quando encontram a morosidade da fila de espera da consulta ou da falta de medicação no posto da região e nem se dão conta que o dinheiro da farmácia por vezes é muito maior do que o do pão.

Na verdade, enquanto seguia, no tempo de produção na labuta da rotina, não percebeu que a pressão de uma vida, desregulou sua pressão. Mas frear não poderia se cuidar no seu tempo não caberia, para quem sozinha encabeçava uma família, sem acesso por vezes a cuidados básicos, sem exames detalhados, não viu que as suas veias do seu coração estavam a muito por se estreitar.

Enquanto não frequentou núcleo de idosos, não ‘letrou’ ou ‘enquadrou’ diploma em quadro; na sua sala, um quadro de um santo religioso e no coração a reza firme todas as noites e todos os dias ao acordar. Sucumbiu como tantos outros idosos sucumbem, em hospital público em uma tarde, como qualquer outra tarde, findando como mais uma estatística que não virou notícias na mídia.

Deixou em algum lugar, um pouco do que foi, deixou o seu ‘olhar’, deixou sua história, deixou sua marca, deixou sua ancestralidade, deixou seu DNA. Agradeço todos os dias a esta idosa que veio em minha vida compartilhar o elo de não ser a vó dos outros, de ser esta avó a minha, e todos os dias sigo com muitos dos seus ensinamentos, o meu trilhar.

A todas as avós do mundo, a minha gratidão.

Que a família de fato perceba a importância do idoso no núcleo familiar, que o idoso se perceba importante no seu caminhar, que a sociedade perceba e aceite de fato o envelhecer. E que além da conquista de uma maior longevidade, esta venha atrelada a um envelhecer com mais dignidade.

A todas as avós

A minha avó,
Tem um semblante sereno,
Tem um jeito e um cheiro,
Que é bom de lembrar,
Tem muita sabedoria,
Um ar de quem
Conhece muito bem a vida,
Uma vaidade boa de se admirar,
Tem olhos e cabelos escuros,
De Alagoas veio para São Paulo,
E eu passo aqui singelamente,
Para lhe homenagear.
Ela é Julia, minha vó querida,
Mas se você tem a sua,
Não importa se, Maria,
Antônia ou Luiza,
Deixo um recado para dela
Você nunca deixar de cuidar.
Pois saudade de vó,
É coisa que marca,
Aperta o peito
Faz do peito morada,
Para gente sempre se lembrar.

Jeane Silva

Referências

ELIAS, N. *A Solidão dos Moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 107 p.

Data de recebimento: 24/11/2020; Data de aceite: 20/02/2021

Jeane Silva – Psicóloga Clínica. Atua na literatura com idosos, é organizadora da Antologia Poética Retalhos da Cidade mais60 (2020), e Belas Flores do Meu Bairro (2016), ambas com a participação de poetas idosos da cidade de São Paulo. Texto escrito no curso de extensão Fragilidades da Velhice: Gerontologia social e Atendimento, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), segundo semestre de 2020. E-mail: jeane.psico@yahoo.com.br

Foto de Juan Pablo Serrano Arenas/Pexels